

4-2

3

A. M. CRISTIANO CEROL



NATAL ALGARVIO

e a tradição em Lagos

Crianças apanhando musgo

Casa da Cultura António F.	5-5
S. Brás de Alportel	A-4
Biblioteca	1000
Inv. N.º <u>258</u>	Cota N

Natal algarvio

5/1/52

Passaram quinze anos desde que, na cidade de Lagos, o Grupo Coral de Lagos, os Jograis do Coro do Conservatório Regional do Algarve e o Grupo de "Charolas" Flor da Mocidade apresentaram, no Cine Tetro Império (1), a sua interpretação de peças tradicionais de Natal, recolhidas pelo Padre José Pedro de Jesus Martins, numa iniciativa do GEA - Grupo de Estudos Algarvios.

Esperava-se que *o pequeno sabor da recolha desse ano despertasse nos algarvios que amam a sua terra e as suas heranças, novas iniciativas para o futuro* (2). Outras iniciativas frutificaram, de facto, mas não em tradições de Natal.

Este NATAL ALGARVIO de 1992 vai, naturalmente, repetir o que antes fora apresentado — a tradição é assim, repete-se — e divulgar também um pequeno estudo sobre as práticas de Natal, em Lagos, ao longo deste século. Trabalho naturalmente incompleto, pretende, uma vez mais, deixar espaço e pistas para a investigação de outros estudiosos.

Neste opúsculo são apresentados textos novos, completando o trabalho editado em 1977. Apesar da pesquisa ter incidido principalmente nas tradições mantidas em Lagos, os textos foram retirados de publicações regionais, tendo sido escritos para os leitores de todo o Algarve.

O trabalho deste ano é dedicado a dois algarvios cujos nomes jamais poderão ficar dissociados do Natal no Algarve: Cipriano Lózinho, o *charoleiro* de Santa Bárbara de Nexe, que nos deixou ainda na flor da mocidade e o Padre Dr José Pedro Martins. E é dedicado também a todos aqueles que deitam as searas, que armam o Presépio, que continuam pondo o sapato na chaminé, que ainda cantam as *janeiras*, que, nas vésperas do Ano Bom e do Dia dos Reis, fritam filhós para dar aos janeireiros e a todos os que, na sua humildade, vão até ao altar beijar o pezinho do Menino.

Estes pequenos gestos mantêm a memória do Natal Algarvio.

geralmente por pregador vindo de fora. A notícia da festa do Natal passava por vezes um tanto despercebida, pois a população havia já colocado todo o seu entusiasmo no brilhantismo da festividade do início do mês (12), que não raras vezes incluía já dádivas aos pobres, prática que, mais tarde, a Mocidade Portuguesa Feminina viria a consagrar na sua campanha dos *berços*, com que contemplava as mães mais pobres.

A prática da caridade pelo Natal passou a ser também seguida pela sociedade em geral, principalmente apoiada pelos jornais da terra. O quinzenário humorístico "O Intruso", de Lagos, logo no primeiro ano de publicação, em 1925, lançou uma "subscrição, destinada a custear a vestimenta completa com que, no dia de Natal, desejamos contemplar 15 criancinhas pobres das mais necessitadas"(13). A festa e bodo do dia de Natal decorreu no Cine Teatro Ideal (14) e nela já colaborou o conhecido lacobrigense Sebastião Dias Murtinheira. A festa repetiu-se em 1926 e nos anos seguintes, mesmo depois da extinção do jornal "O Intruso" (15).

O jornal "Terra Algarvia", também de Lagos, que iniciou a sua publicação no dia 25 de Dezembro de 1927, começou por "augurar a todos Festas Felizes", publicou na página dois um soneto de Leonel Vieira dedicado às crianças e, na terceira página, um bonito conto de O. S. Marden intitulado "O amor e os presentes de Natal". Foi das primeiras edições algarvias dando destaque ao tema. No entanto, já em 25 de Dezembro de 1924, a "Folha do Domingo" havia publicado um número especial de Natal, a cores, incluindo a gravura de um presépio ocupando a primeira página.

Nos anos 30 e 40, as organizações católicas continuaram a fazer sentir a sua acção beneficente em toda a diocese do Algarve, principalmente através das raparigas da Juventude Católica Feminina que, em Lagos, costumavam armar presépios na Igreja de S. Sebastião e no Patronato de Nossa Senhora do Carmo, a cujas protegidas sempre entregavam fatos completos e proporcionavam "um jantar melhorado". Nos anos 50 e 60, com o aparecimento da Conferência de S. Gonçalo de Lagos, da Sociedade de S. Vicente de Paulo, para além dos pobres, também os reclusos (16) passaram a merecer maior atenção pelo Natal. Entre outras iniciativas, começou a "campanha do farrapeiro".

Em Lagos, o Natal cristão manteve-se ligado a iniciativas promovidas pela Catequese, pelas Senhoras da Caridade, pela Conferência de S. Gonçalo de Lagos, pela JOC e pela Acção Católica e, nos últimos

tempos, pelo Agrupamento de S. Gonçalo de Lagos, do Corpo Nacional de Escutas, nascido no final de 1962.

A chamada geração de sessenta — movimento da juventude que, os fins da década de 60, abalou as estruturas sociais em todo o mundo — também mexeu em Lagos, começando a surgir uma nova mentalidade cristã. A caridade passou a dar lugar à *intervenção* e foram precisamente os jovens os primeiros a pretender festejar o Natal de forma diferente (17).

No entanto, o espírito de Natal parece continuar imutável, capaz de resistir às dúvidas que os homens em cada época possam colocar. No fundo, os editoriais dos vários jornais repetem, em cada ano, os mesmos conceitos de paz, de caridade e de amor. Os *escutas* de Lagos retomaram, este ano, a campanha de recolha de géneros para distribuição aos pobres, tendo-se inscrito mais de cem famílias necessitadas. O Presépio jamais deixou de ser armado e os cristãos continuam a participar na Missa do Galo.

É este, sem dúvida, o espírito de Natal.

NATAL

Ao Dr. Mário Lyster Franco

A toalha vão pondo sobre a mesa...
Branca, da cor do linho e engomada!
E ponham louça simples, já usada,
Tem, assim, mais poesia, mais beleza!

No presépio, também, uma vela acesa
E a «seara», num pires, fecundada;
— Que linda noite, a noite figurada
Na mente de quem sonha e de quem reza!

E vão fazendo a massa para os «fritos»
— Temos de respeitar os velhos ritos,
É do tempo dos nossos avòzinhos...

Mas falta-me uma cousa... já sei bem:
Eu quero, nesta noite, ver, também,
À minha mesa muitos pobrezinhos...



VITOR CASTELLA

(publicado no jornal "Correio do Sul", de 20/12/1922)

As festas de Natal



A pouco e pouco, a Festa de Natal foi saindo das igrejas. A obrigação de assistir aos pobres começou a ser sentida pela população laica e os bodos passaram a ser dados pelas Juntas de Freguesia, pelas colectividades e pelos demais grupos organizados de cidadãos. O jornal da terra fazia eco da iniciativa e, em regra, a distribuição das ofertas ocorria no final de um espectáculo, em que os próprios benfeitores decidiam actuar.

A preparação de Festa de Natal, ou *feira das crianças*, envolvia grande número de pessoas da terra: recolhendo os donativos, orientando a confecção dos fatinhos, organizando a merenda e ensaiando os números da récita.

Segundo o jornal "Terra Algarvia", realizou-se em Lagos, pela primeira vez, uma *feira das crianças* no Natal de 1926 (18). Iniciativa e organização do Grupo Dramático Algarve, esta festa repetiu-se nos anos seguintes. Fazendo-se o apelo através de "O Intruso", da "Terra Algarvia" e do "Jornal de Anúncios", o espectáculo e a entrega das dádivas decorriam no Cine Teatro Ideal. Em 1932, a recém criada Sociedade Filarmónica também assinalou o dia de Natal, com uma arruada.

Festa tradicional era a que sempre decorria por iniciativa da Juventude Católica Feminina, a favor das protegidas do Patronato, costumando também as Senhoras da Caridade armar uma árvore de Natal, para recolha de oferendas para os seus pobres (19).

Foram ainda organizados *bailes de caridade* (20).

Nem sempre, porém, as festas que ocorriam na segunda quinzena de Dezembro eram referidas como "Festas de Natal", como hoje geralmente acontece. Aliás, sendo um período de regresso à terra, para encontro de família, esta quadra do ano sempre foi muito propícia a acontecimentos culturais (21).

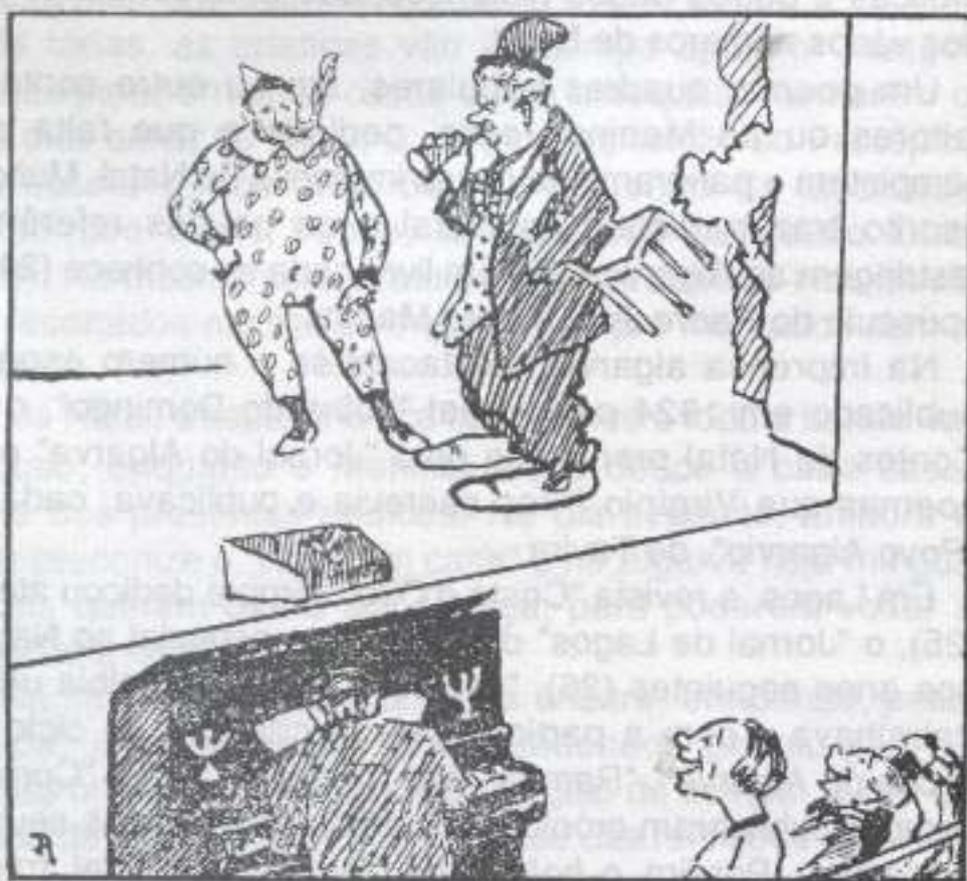
O "Jornal do Algarve", de 31/12/1961, dá-nos notícia de duas festas de Natal promovidas por entidades diferentes: o "Natal do

Soldado", no quartel, organizado pelos soldados do CICA5, em que participou o rancho folclórico infantil do Centro de Assistência Social e, no Hotel S. Cristóvão, a "Festa da Maal", dedicada aos filhos dos empregados daquela empresa. A primeira aparecia como solidariedade entre a população e os militares, pois começara já a guerra no Ultramar; a segunda como precursora das festas de empresa, hoje tão vulgares.

Mais tarde, também os partidos políticos começaram a organizar as suas Festas (22). Em 1976, foi festejado o "Natal dos Desalojados", no Parque de Turismo de Lagos. Na década de 80, a Câmara Municipal e as Juntas de Freguesia passaram a celebrar também o Natal, oferecendo um almoço e um espectáculo aos membros eleitos e aos funcionários e lembranças para os seus filhos.

Há ainda que referir as festas escolares, em que actuam as próprias crianças, tendo colegas, pais e professores a assistir e que, desde há muitos anos, assinalam o último dias de aulas do primeiro período. As colónias estrangeiras também celebram o Natal no Algarve com pequenas festas, geralmente em restaurantes dirigidos por cidadãos da mesma nacionalidade, forma natural de recordar, nesse dia, as tradições natalícias do seu país.

(Desenho
de José
Higino
Amado da
Cunha, em
"O Intruso"
de 1/1/26)



Entusiasmo e animação no Cine-Teatro Ideal durante a distribuição, no dia de Natal, de calçado e fatinhos a 25 orfãosinhos.



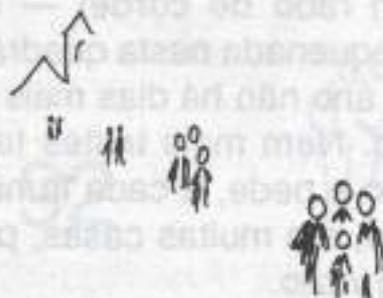
O Natal na comunicação social

O sentimento de solidariedade sempre assinalou, na primeira página dos jornais publicados por volta do dia 25 de Dezembro, a passagem da efeméride. Primeiro a caridade para com os necessitados, depois a consciência de que a paz é necessária e a crítica à hipocrisia dos povos, muitas vezes associadas a transcrições bíblicas e outros dados históricos, são uma constante nos editoriais dos vários números de Natal.

Um poema, quadras populares, um ou outro conto e cartas de leitores ou ao Menino Jesus, pedindo o que falta para a terra, completam o panorama da nossa imprensa de Natal. Muito raramente o escrito traz tradições de Natal e as poucas referências não se restringem ao Algarve (23). Em livro nada se conhece (24), a não ser o opúsculo do Padre José Pedro Martins.

Na imprensa algarvia, destacam-se o número especial de Natal publicado em 1924 pelo jornal "Folha do Domingo", o concurso de Contos de Natal promovido pelo "Jornal do Algarve" em 1965 e os poemas que Virgínio Pires escrevia e publicava, cada ano, no seu "Povo Algarvio", de Tavira.

Em Lagos, a revista "Costa d'Oiro" sempre dedicou atenção ao tema (25), o "Jornal de Lagos" deu destaque especial ao Natal em 1950 e nos anos seguintes (26), "O Nosso Jornal" escolhia um tema (27) e trabalhava-o com a participação de crianças do ciclo preparatório, "Ecos do Algarve", "Rampa" (28), "Farol do Sul" e "Correio de Lagos" sempre publicaram crónicas, contos e poemas nos seus números de Dezembro. Por fim, o *boletim* da Câmara Municipal, tradicionalmente publica na capa um desenho de Natal, fazendo, no interior, referência às várias manifestações que, em Lagos, assinalam esta quadra.



A tradição do Natal

A quadra do Natal começa no dia 8 de Dezembro, com o deitar dos *trigos* que vão crescer para ornamentar o presépio ou o trono do Rei Menino. Os trigos são colocados em pires, latas de conserva ou outros recipientes e crescem na água. Para o trono, é também hábito deitar grão e ervilhaca, sendo alguns recipientes mantidos no escuro, para que essas searas cresçam esbranquiçadas.

Uma vez de férias, as crianças vão ao campo apanhar musgo, troncos e pedras para, em suas casas ou na catequese, armarem o Presépio. Uns dias antes do Natal, começa a exposição do Presépio, na Igreja, na escola e, nos anos 50/60, no Centro da Mocidade Portuguesa, sempre muito bonito, armado por Sebastião Dias Murtinheira (29). Na mesma sala, eram expostos trabalhos individuais das crianças, recortados em cartão e quase sempre montados com a ajuda de adultos.

Na véspera de Natal, o sapatinho fica na chaminé e toda a família vai à Missa do Galo, enquanto o Menino Jesus desce a cada casa, deixando parte dos presentes pedidos. No dia seguinte, embora o adágio popular preconize o "Natal em casa" e no Algarve haja míngua de chuva, todos querem que o sol aqueça, para poderem voltar à missa e para juntar a família.

Dantes comia-se o peru, que dias antes andara, em bando, pelas ruas da cidade, emproando-se e respondendo "glu-glu-glu" às provocações das crianças da escola. Ou um galo do campo. A *ave de pena*, cozinhada de toda a maneira, era a base das refeições de Natal. E o bacalhau, com batatas e com couve, as cenouras roxas de conserva, a carne de porco e os enchidos, os pastéis de abóbora e de batata doce, as filhós e os fritos, em tiras ou com forma de estrelas.

A fruta cristalizada, as passas e os chocolates — as barrinhas e os ratinhos com rabo de cordel — e as tangerinas completavam as delícias da pequenada nesta quadra de Natal.

Em todo o ano não há dias mais belos que os que separam o Natal do Ano Novo. Nem mais tristes também. Deus mandou-nos nestes dias seu Filho e pede, a cada família, que lhe envie o ente que mais ama. Por isso, em muitas casas, pelo Natal, na mesa há sempre um lugar que fica vazio.

Na véspera de Ano Novo, a família volta a reunir-se. Fritam-se filhós e pastéis de batata doce. Vêm as *joldas* cantar as *janeiras* (30). Respeitam as casas que estão de luto e aquelas em que os bebês já dormem. Nas outras, cantam, recebem a oferta e agradecem. No dia seguinte é feita a divisão e, muitas vezes, parte da receita vai para uma instituição humanitária (31). Na noite do dia 5, voltam a juntar-se e vão cantar "os Reis".

No dia 6 de Janeiro, depois da "chegada dos 3 reis magos", o Presépio é desarmado e, no dia seguinte, as crianças voltavam para a escola. É altura de começar a pôr em prática os bons propósitos feitos para o Ano Novo.

(in "Jornal de Anúncios" de 6/12/28 e 25/12/30
e "Jornal de Lagos" de 20/12/77)

APROXIMA-SE **U. Ex.ª**
O
NATAL
NÃO NECESSITA CARTÕES?
Chegou à Tipografia Ferreira uma linda coleção de fantasia, em todos os formatos, tanto para senhoras como homens.

NATAL

Não esquecer que como nos anos anteriores, onde se vende os melhores chocolates—bonbons—fantasias de chocolates—drops—rebuçados de todas as qualidades—bólos—bolachas—biscoltos—caixas de bonbons—brôas—queijos

BÓLO-REI

etc., etc.

SORTIDO COMPLETO EM BEBIDAS FINAS

é na

MERCERIA FERNANDES

Rua Lima Leite

22 DEZEMBRO 1977, às 21,30 h.

IGREJA DE S. SEBASTIÃO



NATAL PELA ARTE

Um serão de poesia e música sobre temas natalícios. O Grupo Coral de Lagos executará peças musicais, alusivas a esta quadra, representativas de estilos diversos, desde o clássico ao popular. Um grupo de jograis executará poemas de autores vários.

29 DEZEMBRO 1977, às 15,30 h.

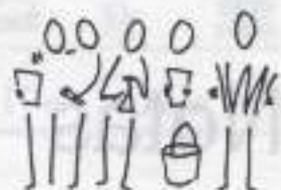
Espectáculo dedicado às **CRIANÇAS**



GINÁSIO DA ESCOLA SECUNDÁRIA

Repetição do programa do dia 22

Natal em Lagos 92



A Câmara Municipal de Lagos divulgou não haver, este ano, a tradicional iluminação de Natal (32), por falta de disponibilidades para substituir a anterior por outra mais condigna. Por toda a baixa da cidade, apenas música suave alusiva à quadra.

O Grupo Coral de Lagos apresentou um "Concerto de Natal" na Igreja de Santa Maria, no dia 13 e a Academia de Música de Lagos deu o seu concerto, no Centro Cultural de Lagos, no dia 20.

O Grupo de Estudos Algarvios, com a colaboração do Grupo Coral de Lagos e da banda da Sociedade Filarmónica Lacobrigense 1º de Maio, apresentou no Centro Cultural, no dia 27, o "Natal Algarvio", que incluiu também a inauguração de uma exposição de desenhos — os originais dos desenhos aqui apresentados no início de cada capítulo — uma exposição de missais usados em igrejas de Lagos, mostrando as gravuras que ilustram o texto da missa da Natividade do Senhor.

Houve festas de Natal dos trabalhadores da Câmara Municipal e para os seus filhos, no Hotel Golfinho e no Cine-Teatro Império, nos dias 19 e 20, um convívio de músicos da Sociedade Filarmónica 1º de Maio, na sua sede, no dia 18, com apresentação da sua nova *orquestra ligeira* e festas para crianças por toda a parte.

Em Odeáxere houve festa no dia 19, na Sociedade Recreativa, com a participação das crianças da escola primária e do infantário. Em Barão de S. João a festa foi na Ludoteca, no dia 20. No dia 22 decorreram festas para crianças no Clube Estrela, em Bensafrim e na Ludoteca, em Odeáxere. Estas festas tiveram o apoio das Juntas de Freguesia locais.

Nas igrejas foram armados Presépios e foram celebradas as missas tradicionais. As rádios locais transmitiram programas alusivos e as mensagens de "Boas Festas" dos seus anunciantes.

Numa escola, no fim da distribuição de prendas, uma menina chamada Filipa deu o seu brinquedo a uma colega, para quem havia faltado a prenda e que, por isso, começava a chorar. Discretamente, sem palavras, sem que os outros colegas dessem por isso. Só um gesto.

Lagos, Natal de 1992.

Notas



(1) - O primeiro "Natal Algarvio" decorreu em Lagos, na noite de 26 de Dezembro de 1977, com entrada grátis, sendo oferecido a cada espectador um opúsculo contendo uma selecção de textos algarvios, edição do GEA, com o apoio da Câmara Municipal e da Comissão Regional de Turismo.

(2) - O tema foi desenvolvido pelo Padre Dr José Pedro de Jesus Martins, nascido em Lagos, em 26/10/1942. Frequentou o Instituto Superior de Estudos Teológicos de Lisboa e é licenciado em História. É Director do Secretariado de Liturgia, Música e Arte Sacra. Foi ordenado sacerdote em 29.6.1970, é vice-reitor do Seminário de Faro, desde 1987 e é, desde 1989, Vigário Geral da Diocese do Algarve.

(3) - Jornal "Folha do Domingo", nº 24 (Ano I), de 25/12/1914.

(4) - O mesmo jornal, na sua edição de 9/1/1916, informa que em Budens "celebrou-se com muita pompa a novena do Menino Jesus, havendo todos os dias exposição do Santíssimo Sacramento a que assistiram muitas pessoas cheias de fé, porque nesta freguesia tem sido sempre muito apreciada a novena do Natal". "...Tinham decorrido cinco anos que não era aqui celebrada e por essa razão se lia em todos a alegria e felicidade por novamente poderem ouvir a tradicional Missa do Natal, cantada pelo orfeão devidamente ensaiado pelo rev. pároco. E saíu muito bem porque as vozes com o entusiasmo e comoção pareciam mais celestes que terrenas".

(5) - Na mesma edição anuncia: *Novena do Natal e Terço do Santíssimo*, por D. Francisco Gomes, seguida de cânticos, à venda na tipografia União, preço 60 réis.

(6) - Segundo "edital" publicado na primeira página do mesmo semanário, em 23/12/1917, "Dom António Barbosa Leão, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo do Algarve. Aos que este Nosso Edital virem Saúde, Paz e bênção em Jesus Cristo, Salvador Nosso. Fazemos saber que, usando da faculdade concedida pelo Breve — Quemadmedum Salvador Noster, datado de 20 de Dezembro de 1907, temos resolvido dar a Bênção Papal, com Indulgência Plenária, no próximo dia 25 do corrente mês de Dezembro, festa do Natal do Senhor, em que, com o auxílio de Deus, esperamos celebrar Missa de Pontifical, na nossa Sé Catedral. (...) Desta graça poderão aproveitar-se todos os que não podendo comparecer por legítimo impedimento, mas achando-se igualmente bem preparados, tiverem intenção de receber a Bênção, na ocasião de a darmos, o que será anunciado pelo sinal da torre da Nossa Catedral".

(7) - Segundo crónica publicada em 31/12/1916, nesse Natal, na paróquia de S. Sebastião, em Loulé, "celebrou-se a missa do Nascimento,



NATAL



Pelo Dr. Júlio Dantas

Há quem considere o Natal a festa, por excelência, da criança. Com efeito, é a imagem da criança que se glorifica no Jesu bambino, expressão do que de mais belo, de mais terno e de mais risonho produziu a história das religiões. O Natal significa a adoração do berço, mistério da vida que começa, flor do sentimento que balbucia. O homem, que sempre se obstinou em criar os deuses à sua semelhança, pensou, desta vez, no filho que lhe sorria, e iluminou a "Lenda Aurea" com a graça do Menino Jesus. A divindade floriu num botão de rosa, aberto, não na opulência e no esplendor, mas (para que a inocência surgisse em toda a sua pureza) na simplicidade e na humildade. Alfa da existência, primeiro lume da candeia da Vida, síntese da perfeição inicial e da candura integral, — a criança é a figura central do quadro, e perante ela se curva, em adoração, a humanidade católica.

Outros, porém, vêem no Natal, não a festa do Filho, mas a da Mãe; não a apoteose da Criança, mas a da Mulher. Para eles, toda a sublime intenção da Natividade está na Virgem, torre ebúrnea, madre inviolada, "donna alta ed umile" — disse o grande Florentino, — cujos sagrados flancos representam a glória divina e humana de criar. O recém-nascido significa a vaga generalidade da criança; a Virgem puérpera, a particularidade de determinada Mulher, que o programa iconográfico medieval nos mostra sentada majestosamente num trono gótico, para que o Mundo cristão adore nela a maternidade sem pecado, a beleza sem culpa e a vida sem mácula. O Natal traduz a genuflexão do Mundo perante a graça feminina, na suprema exaltação de todas as virtudes da Mãe do homem, de todo o poder gerador e vitalizador do seio materno, fonte da ternura humana. Os teólogos, associando paradoxalmente a virgindade e a maternidade, a pureza e a concepção, a força germinal e a graça espiritual, criaram um símbolo eterno; os artistas corporizaram-no na imagem da Madona-Eva (como lhe chamou Castiglione), divinização da feminilidade, supra-summum da formosura, milagre da natureza.

Seja, entretanto, a festa da criança ou a festa da Mulher — como quiserem —, o que o Natal não é, com certeza, é a festa do homem. Nesse mistério de incomparável beleza, o homem quase não toma parte, a não ser na atitude passiva de adoração. Adoram os pastores, — expressões de humildade; adoram os reis, — padrões de grandeza; e, uns e outros, assistem aos factos deslumbrantes com a mesma profunda incompreensão, em êstase perante as palhas onde uma criança dorme e junto das quais a mais doce das Mães vela e

sorri. Como nas Tesmofórias, em que se celebravam duas castas figuras femininas da teogonia grega, — o Natal exclui o homem, ente rude e brutal, que só adora o que não compreende, e que só compreende o que satisfaz os seus instintos e a sua natureza telúrica. No templo de Ceres e de Prosérpina era-lhe defeso a entrada, e considerava-se sacrílega a sua presença durante os sacrifícios. Assistindo aos actos rituais da Natividade, o homem — agente de destruição — assiste à festa das suas maiores vítimas, que são, precisamente, a mulher e a criança.

Nesta hora de sofrimento universal, o Mundo, celebrando a Criança divina e a Mãe divina, imagens de um lar ainda então feliz, não pode deixar de recordar a dor de tantas crianças na orfandade, a angústia de tantas mães na viuvez, a ruína de tantos lares devorados pela miséria, pelos incêndios e pelas devastações. Perante o espectáculo da infância faminta, que marcha em levadas para longe dos regaços maternos; da candura virginal imolada ao instinto feroz das massas humanas; dos berços vazios; dos campos talados, incendiados, cobertos de cinzas e de cadáveres, — a obra do homem aparece-nos em toda a sua hediondez, e nós perguntamos a nós mesmos para que tem servido, há quase dois milénios, a lição moral de uma religião de paz, de caridade, de bondade e de respeito pela vida humana. Pregou-se o amor da criança, — e a criança é martirizada, levada em rebanhos, morta de fome e de frio, instituiu-se o culto da Mulher, — e a mulher devora em lágrimas as mais cruéis afrontas à sua fraqueza; criou-se a religião do lar, — e os lares, desertos, reduzem-se a ruínas fumegantes. Que significação e que sentido pode ter hoje para o homem feroz a doirada écloga da Natividade, se ele não respeita os valores morais que tão alto mistério encerra, e aflige as crianças, e atormenta as mulheres, e destroi a ara sagrada dos lares patriarcais?

Ao escrever estas palavras, penso nas populações longínquas que vivem nas convulsões da guerra ou sob o império das armas, e o meu coração confrange-se. Passa agora, na visão do sangue, do exílio, das labaredas e dos naufrágios, mais um Natal cristão. Perante o presépio radioso — santificação da família, espiritualização do amor — ajoelham, de luto, mulheres e crianças. A Natividade chegou; — mas a Paixão continua.

Júlio Dantas

(editorial do jornal "Correio do Sul", de 26/12/57)

(editorial do "Jornal de Lagos", de 30/12/56)

NATAL

SINOS a tanger à meia-noite! Presépios armados pelas casas, cheios de ingénuas composições e de encantadores anacronismos! Ceias alegres nas famílias, menos para comer que para gozar a Santa atmosfera que Deus instituiu e radicou no coração humano, com reflexos e projecções até na

própria escala animal! Árvores carregadas de luzes e de brinquedos, à volta das quais brilham ainda mais os olhares entusiasmados da pequenada! Barbudos «Pais Natal», de estrangeirada importação, mas de incontestável efeito sobre a gente miúda!

Montras ornamentadas a primor, mostrando aos grandes as utilidades necessárias, mostrando aos pequenos os mil nada acessórios mas que fazem a sua felicidade! Frémito nas almas, ainda as mais avessas a sentimentalismos, feito de recordações da infância, de influências atávicas irreprimíveis, do imponderável que paira nos ares a despeito de cepticismos e negativismos!

Este é o Natal dos felizes. Não esqueçamos que há o outro — o daqueles a quem a «má fortuna» perseguiu, para os quais são de maior amargura os dias em que a maioria rejubila.

Lembremo-nos de que, à hora em que o coração nos vibra de felicidade, em que os olhos nos brilham de alegria, em que os lábios nos tremem de suave emoção, há milhares de corações triturados pela amargura, milhares de olhos pisados pelas lágrimas, milhares de lábios contraídos pelo desespero. À hora em que o doce aconchego do lar nos compensa das inevitáveis contrariedades da vida, à hora em que os filhos, como grinalda viva, nos rodeiam de carinho e de ternura, há lares onde falta até o necessário, há pais que olham para os filhos sem ter uma côdea para lhes dar, quanto mais brinquedos e gulodices para lhes pôr no sapatinho da chaminé.

Dezanove séculos são decorridos desde que os anjos cantaram, no nascimento de Cristo: «Paz na terra aos homens de boa vontade». Neste vigéssimo século, ainda a paz é uma longínqua aspiração, quando não é mistificação despudorada. Entre as nações e entre os indivíduos.

«Paz aos homens de boa vontade» — cantaram os anjos. «De boa vontade» são só aqueles que fazem a nossa — rosnam os homens — porque a nossa é que é boa. Daí todas as guerras, todas as desavenças, todas as perseguições.

Que neste dia, em que se comemora a vinda de Cristo a salvar todos os homens, a caridade cristã a todos se estenda, para que todos tenham pão, alegria e paz.

sendo acompanhada a vozes e instrumental. Durante algumas horas esteve em exposição a *Árvore do Natal*, que, profusamente iluminada a luz eléctrica, era de um belo efeito. Como não fosse possível *varejar* mais cedo esta árvore, que chumbando com a quantidade de frutos, os mais variados, fazia o enlevo de pequenos e grandes, foi anunciada essa operação para o dia 26, ao meio dia.

Muito antes dessa hora já se encontravam na igreja, além de muitos adultos, mais de 400 crianças. Foi dada a bênção com o santíssimo, sendo de notar o silêncio em que, durante esta cerimónia se manteve aquela gente miúda que, com fama de pouco juízo se mostrou habilitada a ensinar a muitos adultos como devem portar-se na casa de Deus".

(8) - No Natal de 1915, em Monchique, "às doze horas rezaram-se as segunda e terceira missas, às quais se seguiu a distribuição de prémios a todas as crianças da catequese. Terminou-se pela distribuição de bodo, constante de pão, arroz, carne e laranjas a 123 pobrezinhos. Houve, portanto exercício —de Fé pelas missas e adoração, —Esperança pela festa dos pequeninos tão estremecidos pelo Redentor, —caridade, pelas esmolas aos velinhos e desvalidos".

(9) - Em 1922, em Loulé, "o pároco de S. Sebastião recebeu dum caridoso anónimo três alqueires de farinha para serem distribuídos em pães pelos pobres por ocasião da festa de Natal, e outros três alqueires de trigo para o mesmo fim, em sofrágio da alma de uma pessoa de família".

(10) - Notícia publicada no jornal "Folha do Domingo", de 31.12.1922, refere que, no dia 8 de Dezembro desse ano, em Lagos, "foi inaugurada pela associação das *Senhoras da Caridade* a sopa aos pobres, na cozinha económica instalada nos baixos do hospital da Santa Casa da Misericórdia e que pela primeira vez funcionou.

A sopa deste dia constou de dois pratos, um de grão com arroz e outro de carne guisada com batatas e meio pão a cada pobre; distribuíram-se sessenta senhas a igual número de pobres; findo o jantar a estes, ainda foram distribuídas a outros mais quatro refeições e comeram ainda mais dez crianças".

(11) - Festa da Padroeira da freguesia, Nossa Senhora da Conceição.

(12) - Em Lagos, em 8 de Dezembro de 1915, na freguesia de S. Sebastião, a festividade à Imaculada Conceição incluiu a cerimónia da primeira comunhão a sessenta e três crianças, que decorreu com "realce e brilhantismo", o que levou o pároco daquela freguesia a agradecer publicamente ao "rev. padre Carmo, exímio cantor e hábil regente de música de capela e também às cantoras, que geralmente souberam corresponder com irrepreensível execução" e "aos ilustres cavalheiros, que em crescido número compareceram nesta festividade, especialmente aos que se dignaram aceitar o convite para irem às varas do páleo e a outras isígnias na procissão que se fez no interior do vasto templo".

(13) - O jornal "O Intruso" nº 5, de 1/2/1926, divulgou, logo na primeira página: "Fechamos a nossa subscrição com um activo de Esc. 745\$75 que,

AS NOSSAS INICIATIVAS

FOI BRILHANTÍSSIMA, A
FESTA QUE REALIZAMOS,
NO DIA 25 DE DEZEMBRO.

Foi altamente simpática e verdadeiramente bela essa festa que a todos satisfez e a nós, permite que nos seja licito dizê-lo, muito nos envaideceu, quer por termos sido os seus organizadores e ainda por mais uma vez, termos ocasião de encher de gloria este desprezencioso, mas mui bairrista e altivo dezenario.

O nosso amplo Cine-Teatro Ideal, apresentava, em a tarde do dia de Natal, um aspecto ainda não atingido.

As erianças de todas as escolas officiaes e particulares, a grandiosa assistencia de gentes de todas as camadas sociais, etc, etc; concorriam para dar á plateia do grande Cine Ideal o aspecto deslumbrante e imponente a que nos referimos.

Os camarotes, eram todos occupados pelo professorado da terra, pelas entidades officiaes e por distinctissimas familias da nossa alta sociedade, e os balcões occupava-os as simpaticas alunas da Escola Industrial Victorino Damasio e gentis senhoras que as acompanhavam.

O efeito era deslumbrante.

A's 14 horas, subia o pano para dar começo á festa, que principia por uma brilhante alocação, á mesma lido pela nosso presado amigo, sr. Olegario da Encarnação. Em seguida, o simpatico Grupo Dramatico Algarve, dirigido pelo nosso amigo S. Martinheira, representou por entre risos e palmas das creanças e da assistencia, a hilariante comedia Por Causa de Um Clarinete, que desempenhou muito sofrivelmente. Seguiu-se-lhe um intervã-lo, durante o qual, os nossos escoteiros, que a esta festa foram estreiar as suas fardas, acompanhados por formosas meninas da Escola Industrial, distribuiram por todas as creanças um delicado *copo de agua*, que decorreu animadamente.

A seguir, os apreciados amadores, Martinheira, Melo, Olegario, Maximo Martins, A. Ferreira, Barcas, Cravinho, Freire, A. da Silva; as interessantes meninas, Adelia Dias Macarrão, Margarida de Jesus, Elvira Dias Martinheira, Angelina Dias Martinheira, Jovita Amelia, o menino José Fartado Algarve; representaram um prelongado e applaudidissimo acto de variedades, seguindo-se-lhe uma representação de geral agrado por alguns escoteiros e lobitos do grupo de Escoteiros de Lagos.

Fezchu esta memoravel festa, discursando brilhantemente sobre a referida festa, sobre a educação da creança e sobre assuntos transcendentales educativos a que o dia e esta festa se prestavam, sua ex.ª, o sr. Capitão Leonel Netto de Lima Vieira, distinto professor do Liceo de Lagos e ilustre ex-governador civil do Algarve, pessoa muito querida e considerada por todos os seus conterraneos e por quantos lhe conhecem as belezas do seu inconfundivel character.

(editorial
de
"O Intruso",
10/1/1927)

conforme o fim a que se destinava, foi empregado parte em vestimentas completas que foram distribuídas, no dia de Natal, a 17 criancinhas pobres, das mais necessitadas, e o restante entregue às instituições de caridade: Santa Casa da Misericórdia e Associação das Senhoras da Caridade, de Lagos". Conforme "contas devidamente conferidas pelo Exmo. Delegado do Governo, nesta cidade", as vestimentas importaram em 526\$70 e cada instituição recebeu 108\$00.

(14) - ver relato na página anterior.

(15) - Em 9/1/1930, Sebastião Dias Murtinheira, do Grupo Dramático Algarve, enviou ao jornal "Terra Algarvia", de Lagos, a seguinte carta: "Tendo a receita da Festa do Natal excedido o que se esperava, depois de se ter distribuído 83 vestidos, o Grupo Dramático resolveu distribuir em esmolas a pobres recolhidos a importância sobrada, enviando a V. Exa. como mui digno Director do jornal "Terra Algarvia" a importância de Esc. 50\$00 para os pobres do mesmo, tendo o Grupo Dramático Algarve enviado 100\$00 para a caixa Escolar das Crianças pobres e o Grupo distribuirá a importância de 110\$00 também a pobres".

(16) - Com o título "Natal do Recluso", o jornal "Folha do Domingo", de 23/1/1962 lançou um apelo aos seus leitores para que visitassem as cadeias e anunciou que, associada à Conferência de S. Vicente de Paulo, passaria a tarde do dia de Natal na Cadeia Comarcã de Lagos.

(17) - ver notícia "Uma campanha de Natal", na página seguinte.

(18) - ver notícia "Festa de Natal", na página seguinte.

(19) - José António de Jesus Martins, no seu estudo monográfico "A freguesia de Santa Maria, do concelho de Lagos", dá conta de que, em 31/12/1922 "a Junta de Freguesia delibera conceder um subsídio no valor de 100\$00 para um jantar aos pobres, através da Associação das Senhoras da Caridade". Já em 22/10/1910 deliberara "distribuir a quantia de 12 mil réis pelos pobres da freguesia" e, segundo o mesmo estudo, "entre 1951 e 1959 as preocupações da Junta centram-se fundamentalmente nos donativos a ofertar "as pessoas pobres tanto pelo Natal como pela Páscoa".

(20) - O Grupo de Escoteiros de Lagos, realizou na sua sede, no dia de Natal de 1927, um *baile de caridade* que, segundo notícia publicada no jornal "Terra Algarvia", contou com a "colaboração desinteressada dos artistas e amadores musicais" locais. "No decorrer do baile foi aberta uma quete que reverteu em favor dos pobres desta cidade".

(21) - Em 21 de Dezembro de 1926 realizou-se "no teatro Gil Vicente um magnífico concerto de piano, violino e canto", em 1929 actuou a Companhia de Comédia Musicada Cremilda de Oliveira, em 29/12/67 decorreu no Cine-Teatro Império o "I Festival Zawaia-Ritmo" e em 21/12/73 o espectáculo "Algarve artístico", em que participaram 9 agrupamentos de musica moderna e em 23/12/76 actuou na Igreja de Santa Maria o Coro do Conservatório Regional do Algarve.

(22) - Notícia publicada no "Jornal do Algarve", relata que, em 26/12/1976, a Juventude Socialista dedicou às crianças uma festa, no Sport Lagos e

Festa do Natal

("Terra Algarvia", 22/12/1929)

Por iniciativa do extinto jornal humorístico, «O Intruso», realizou-se pela primeira vês, em Lagos, no dia de Natal do ano de 1926, a simpática festa das creanças, festa que resultou brilhante, iniciativa que Lagos inteiro acolheu e coadjuvou com simpatia. «O Intruso», morreu mas, o simpático Grupo Dramático Algarve que, com distinção colaborou nessa ruidosa festa, tem, com interesse e carinho, nos anos seguintes, continuado essa iniciativa, proporcionando a petizada uma tarde de alegria e confortado algumas creanças mais necessitadas.

Este ano, também se realizará essa cativante festa, devido ao esforço e boa vontade do referido Grupo Dramático Algarve que, mais uma vês, está pronto a alegrar os pequerruchos da nossa terra com as costumadas graças que fazem parte do programa da matinée a realizar no Cine Teatro Ideal. Bem hajam pois, os simpáticos componentes do Grupo Dramático Algarve, pela missão que se impuzeram e, oxalá, continuem sempre, sem esmorecimentos.

UMA CAMPANHA DE NATAL

Também queriam preparar uma campanha de Natal. Mas queriam-na diferente, os catequistas da minha paróquia. Isso de dar presentes é o que todos fazem. Era preciso fugir ao quadro humilhante do menino rico, com o seu melhor fato, distribuindo géneros e roupas pelo menino pobre, de quem nunca se lembrara.

E pensaram numa campanha que levasse, antes, o espírito de Natal a cada lar pobre. Cada aluno da Catequese ofereceria um presépio de papel, feito por ele. E haveria um presépio em cada lar.

Seria belo, sim, que cada família tivesse o seu Menino Jesus, embora numa palhinhas de papel. Mas, se a intenção é boa, na prática, seria uma campanha tão falha de amor como as demais. Não estranharia, depois, se aquele menino tão satisfeito pela sua oferta, no dia seguinte, passasse a odiar os pobres, ao encontrar o presépio feito com tanto amor, num caixote do lixo.

E que, o presépio apenas teria significado para quem o oferecia. Ao outro, nada representava aquela armação de papéis recortados e colados.

Os catequistas não desistiram da sua campanha. Os seus alunos interessaram os outros meninos. Conseguiram, na mesma, que em muitos mais lares houvesse um presépio. Mas, feito pela própria criança.

Aquele, sim foi o seu Presépio.

("Folha do Domingo", 8/1/1967)

Cristiano Cerol

Benfica, tendo sido apresentada uma peça infantil e actuado o Rancho Folclórico do Marítimo e o Grupo Coral de Lagos.

(23) - Merecem referência as separatas de alguns jornais, tais como as do semanário "Barlavento", de Portimão.

(24) - Há, todavia, diversos temas de Natal incluídos em livros, tais como "Romanceiro e Cancioneiro do Algarve" e "Monografia do concelho de Loulé", de Ataíde Oliveira, "Crónicas, Viagens e outras Engrenagens", de José António Pinheiro e Rosa e "Um outro Algarve - contado de boca em boca", de Glória Marreiros.

(25) - Além de vários artigos e poemas, no nº 48 da revista "Costa d'Oiro", de Dezembro de 1938, foi publicado um desenho do lacobrigense Joaquim Silva, que também desenhou a igreja de Santo António, publicada na capa do primeiro guia do Museu de Lagos. Essa "adoração dos Magos" é reproduzida na capa deste trabalho.

(26) - Algumas das crónicas de Natal foram assinadas por José António Pinheiro e Rosa, tendo sido agora reunidas em livro. Em 20/12/1977, o "Jornal de Lagos" publicou um número de Natal, incluindo o poema de Vieira Calado adiante reproduzido, retirado do livro acabado de editar "Poema para hoje".

(27) - "Glória a Deus nas alturas" (1971), "Nasceu o Rei pacífico por que suspira toda a terra" (1972) e "Natal das Crianças" (1973).

(28) - Em 1974, o Natal foi esquecido pela maioria dos jornais. Em editorial e ocupando metade da primeira página, "Rampa" publicou apenas um pequeno poema: "Gostaria / o menino pobre / que não fosse preciso / haver Natal".

(29) - O I Concurso de Presépios realizou-se em Faro em 1949, tendo a ideia sido muito bem recebida pelos comerciantes locais e felicitada pelo jornal "Correio do Sul", nos seguintes termos: "Só o presépio tradicional ... tem significado, tem dignidade e tem carácter. Substituí-lo por uma árvore de Natal sobre que caiu a neve, ou por um velho de barbas brancas que nos recorda as estepes nórdicas e que nada tem que ver com a nossa terra, é falsear um significado cheio de nobreza".

Em 24/12/1952, "na Casa da Mocidade, de Lagos, realizou-se a cerimónia da inauguração e bênção do Presépio, construído por filiados do Centro Extra-Escolar nº 1", orientados pelo Sebastião Dias Murtinheira.

Em 1963, no concurso distrital promovido pela Mocidade Portuguesa, a Casa da Mocidade de Lagos obteve o 1º lugar e o Centro Escolar nº 1 obteve uma menção honrosa. José António da Piedade, de Lagos, foi o vencedor individual.

(30) - Pinheiro e Rosa, numa crónica publicada em 13/1/1952 no jornal "O Algarve" refere que, estando na Serra do Espinhaço de Cão, "apanhei seis estilos diferentes de janeiras, todos tipicamente populares e rústicos. Aí levei a noite, de lápis em punho e de ouvido à escuta. Quando a jolda entrava para a esmola, já a música estava escrita e já eu lha cantarolava, com satisfação para mim e desapontamento para alguns".

(31) - O jornal "O Intruso", de 10/1/1927, publicou a seguinte notícia: "Como nos anos anteriores, saíram nas noites de Ano Bom e Reis, vários

grupos cantando, para recolherem as tradicionais esmolas, para as pândegas do dia seguinte.

Um dos grupos, do qual faziam parte os srs. A. Silva, Batista, R. Freitas, Martins, Murtinheira, Cruz, Gil, Carreta, J. Pedro, Morais e Marcelo fizeram-nos entrega de 32\$50 para oferecermos à Misericórdia".

(32) - Joaquim de Sousa Piscarreta escreveu no "Jornal do Alagarve" de 26/12/1964: "Iniciativa Louvável — Pela primeira vez desde que Lagos conta iluminação eléctrica, nos foi dado constatar grande parte das suas ruas caprichosamente iluminadas em sinal de "Boas Festas". Estão pois de parabéns quantos secundaram a iniciativa, especialmente a Empresa de Publicidade PAET, pois tudo leva a crer que a iniciativa partiu de tal empresa, e a Electro-Rápido, cujo proprietário, não sendo de Lagos, é o único no ramo do seu negócio em algo que contribua para dar vida a este canto tão privilegiado pela Natureza".

Na década de 80, por iniciativa do Município, Lagos voltou a ter iluminação apropriada pelo Natal.

POEMA PARA UM NATAL

NO ANO 3000

No ano 3000
aquele burro triste do prado verde
aquele burro pardo preso ao círculo verde da corda antiquíssima
enfim virá nas patas livres percorrendo o prado imenso

No ano 3000
na minha rua
a relva tenra de entre as pedras florescendo
cobrirá especiosa em manto verde
as pedras variadas que hoje piso

No ano 3000
no sol a máquina dos átomos estável consciente
apenas pulsará no éter do sistema
as partículas + ou - que precisa o ciclo dos dias
para ser

No ano 3000
irmãos iremos mudos no silêncio
as mãos em flor cobrindo o mundo imenso
imenso verde enorme e verde
que eu já não vejo...
tão perto e longe que estremeço
de ver que já não vejo...
mas quero e creio e vejo e penso
ah pobre de mim
o verde o verde o verde imenso...

VIEIRA CALADO

(do livro "Poema para Hoje"; in "Jornal de Lagos" de 20/12/1977)

PRESÉPIO

poema de Hernâni Correia

cantado por Maria de Fátima Bravo

I

Na igreja da minha aldeia,
o Presépio é pequenino.
E só a luz da candeia
ilumina o Deus Menino

Mas tem, na Missa do Galo,
um mistério sempre novo.
É ele o maior regalo
da alma cristã do povo.

ESTRIBILHO

Presépio da Paz,
Presépio de luz,
só tu és capaz
de adorar Jesus!
Noite de Natal
de encanto profundo,
afasta o mal
pra longe do Mundo.

II

Tem searas e tem flores
no seu conjunto bizarro,
com animais e pastores
em figurinhas de barro.

Um pedido em ti se encerra,
Presépio da humildade;
— "Guardem sempre a paz na Terra,
homens de boa vontade!"

É Natal, Cristo nasceu!

de José Pedro Martins

Órgão

CORO (secessiva)

REFRÃO

No mundo que andava em Trevas
brilhou uma grande luz! Cantai, ó Povos!
Em Belém nasceu Jesus.
Nasceu numa pobre gruta,
em noite de denso véu. Cantai, ó Povos!
Ao Senhor da Terra e Céu!
Eis Cristo recém-nascido,
o Ungido do Senhor. Cantai, ó Povos!
Ao Divino Redentor!
Da Terra se eleva um hino
de glória e de louvor. Cantai, ó Povos!
A Deus, nosso Salvador!

É NATAL, CRISTO NASCEU!

letra e música de Pe José Pedro Martins

1

No mundo que andava em Trevas
brilhou uma grande luz!
Cantai, ó Povos!
Em Belém nasceu Jesus.

REFRÃO

É Natal, Cristo nasceu,
foi-nos dado um Salvador!
Glória a Deus
lá nas alturas
e na Terra paz e amor!

2

Chegaram os fins dos tempos;
cumpriram-se as profecias.
Cantai, ó Povos!
Hoje nasceu o Messias!

3

Nasceu numa pobre gruta,
em noite de denso véu.
Cantai, ó Povos!
Ao Senhor da Terra e Céu!

4

Eis Cristo recém-nascido,
o Ungido do Senhor.
Cantai, ó Povos!
Ao Divino Redentor!

5

Da Terra se eleva um hino
de glória e de louvor.
Cantai, ó Povos!
A Deus, nosso Salvador!

Arranjo Gráfico: Cristiano Cerol

Impressão: Tipografia Offset, Artes Gráficas - Lagos

Capa: "Adoração dos Magos"
- desenho de Joaquim Silva,
publicado na revista "Costa de Oiro",
n.º 48, de Dezembro-1938

Edição: GEA - Grupo de Estudos Algarvios,
com o apoio da Delegação do Algarve
da Secretaria de Estado da Cultura

Tiragem: 1.000 exemplares

Dezembro/1992

ISBN - 972-8077-00-9

Depósito Legal N.º 62150/92



GRUPO DE ESTUDOS ALGARVIOS